



GERFLINT

ISSN 2268-493X

ISSN en ligne 2268-4948

Alentejo Blue e a Europa dos Deslocados

Diana Nogueira

Universidade do Porto, Portugal

up201504069@edu.lettras.up.pt

<https://orcid.org/0000-0002-9693-6430>



Reçu le 31-07-2021 / Évalué le 02-10-2021 / Accepté le 28-11-2021

Alentejo Blue et l'Europe des Déplacés

Résumé

Cet article présente une réflexion sur la représentation du Sud de l'Europe à travers Mamarrosa, un village fictif situé à Alentejo créé par Monica Ali dans *Alentejo Blue*. Loin des grands centres urbains d'Europe, Mamarrosa défie le statut de périphérie en devenant le point de rencontre entre les Portugais et les Anglais. La façon dont ils se rapportent récupère certaines des peurs et des problèmes du passé colonial de l'Europe. Des relations ambiguës représentées entre les différentes cultures, les sentiments de déracinement aboutissent à une expérience d'exil dysphorique dans un village marqué par les changements apportés par la mondialisation.

Mots-clés: Portugal, postcolonialisme, exilé

Alentejo Blue e a Europa dos Deslocados

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a representação da Europa do Sul através de Mamarrosa, uma aldeia alentejana ficcional criada por Monica Ali em *Alentejo Blue*. Longe dos grandes centros urbanos, Mamarrosa desafia o estatuto de periferia ao tornar-se no ponto de encontro entre portugueses e ingleses. O modo como estes se relacionam recupera alguns dos medos e problemas do passado colonial da Europa. Das relações ambíguas representadas entre as diferentes culturas resultam sentimentos de desenraizamento que evocam uma experiência de exílio disfórica numa aldeia marcada pelas mudanças trazidas pela globalização.

Palavras-chave: Portugal, pós-colonialismo, exílio

Alentejo Blue and the Europe of the Displaced

Abstract

This article presents a reflection on the representation of Southern Europe through Mamarrosa, a fictional Alentejo village created by Monica Ali in *Alentejo Blue*. Far from the large urban centers, Mamarrosa challenges the status of periphery by becoming the meeting point between portuguese and english. The way they relate recovers some of the fears and problems of Europe's colonial past. From the ambiguous relationships represented between these different cultures, feelings of uprooting result in a dysphoric exile experience in a village marked by the changes brought about by globalization.

Keywords: Portugal, postcolonialism, exile

Perante a intensificação e diversificação das rotas migratórias, Alexis Noss na sua obra *Pensar o Exílio* e a *Migração Hoje* assinala a necessidade de o Ocidente não esquecer a sua essência exílica, na medida em que “fundou o seu poder na capacidade de exílio, por colonizações internas e externas” (2016: 27). No que concerne à Europa, isto implica pelo menos duas coisas: por um lado reconhecer a importância dos fenómenos migratórios na construção da sua identidade histórica, por outro enfrentar os estigmas culturais herdados do seu passado colonial, responsáveis pela inferiorização racial dos povos colonizados. Mas será que estes antigos estigmas não poderão ser aplicados às relações entre os próprios povos europeus? Será que as representações literárias da Europa do Sul não estarão influenciadas por esses mesmos estigmas? Para se responder a tudo isto, o presente artigo propõe uma análise de *Alentejo Blue* (2007) de Monica Ali, visando demonstrar que a experiência fracassada dos vários fenómenos de deslocação retratados neste romance está relacionada com os problemas identitários da Europa. Com isto em mente, começaremos por se explicar as evocações coloniais feitas pela autora, identificando a atmosfera nostálgica da sua obra. Em seguida, exploraremos as relações sociais dos habitantes da aldeia de Mamarrosa, descrevendo a experiência de exílio sentida por alguns deles. Por último, avaliaremos o significado das transformações sociais e espaciais ocorridas em Mamarrosa.

Posto isto, *Alentejo Blue* (2007) surgiu depois de Monica Ali, autora inglesa de origem bangladeshiana, ter visitado Portugal. Escrito a partir de um olhar exotópico da ruralidade alentejana, *Alentejo Blue* (2007) apresenta uma estrutura narrativa polifónica, fragmentada e não linear, designada de “romance compósito!” (D’hoker, 2018: 28). O seu enredo é passado em torno de Mamarrosa, uma aldeia ficcional alentejana, para onde viajam alguns estrangeiros, uns para passar férias, outros para viver. Desta forma, a Europa é percecionada fora dos seus centros metropolitanos,

num espaço periférico e rural, cuja estabilidade social é ameaçada pela persistência de algumas atitudes imperiais que permitem pensar as deslocções retratadas sob uma perspectiva pós-colonial.

Com efeito, longe de se encontrar ultrapassado, o passado colonial ainda constitui uma ferida mal sarada para a Europa. Basta olhar para a origem dos acordos políticos que estiveram na base de construção da Europa do Pós IIª Grande Guerra para se perceber o motivo. No fim de contas, nunca houve um período para se refletir abertamente nas ações imperialistas das nações. Esse processo de ponderação foi descartado dos acordos políticos realizados, permitindo às gerações futuras o legado de pensamentos racistas e hierárquicos entre as próprias culturas europeias (Schulze - Engler, 2016: 672).

Em Mamarrosa esses pensamentos hierárquicos refletem-se nas relações entre portugueses e turistas britânicos. A aldeia e os seus habitantes surgem minorizados graças às ideias pré-concebidas dos turistas, facilmente geradas pela especificidade da identidade nacional inglesa², já que esta é responsável pela associação das qualidades positivas aos ingleses e das negativas aos outros, aos não ingleses (Nyman, 2015: 145). Mamarrosa é, por isso, do ponto de vista dos turistas, uma região periférica do Sul, afastada do mundo civilizado inglês. Pelo contrário, o Alentejo é puramente rural, primitivo e exótico (Rodiguez, 2017: 80). No fundo, Mamarrosa não passa de um lugar recôndito e misterioso, capaz de apelar a um certo sentido de descoberta, ao jeito das idealizações periféricas do século XIX, que tomaram a periferia como espaço de missão e aventura imperiais (Nyman, 2015: 146).

A aventura imperial pelas terras periféricas alentejanas é então encetada com a viagem do senhor Mowatt e da sua esposa Eileen. O primeiro planeia embrenhar-se na cultura portuguesa, considerando o Alentejo uma “região fascinante [...] por descobrir” (Ali 2007: 107). Porém, tudo aquilo que consegue é o inverso. A sua atitude de turista sedentário impede-o de se adaptar a ambientes demasiado estranhos, levando-o a preferir manter-se em territórios familiares (Marino, 2008: 56). Pelo menos, é isso que evidencia quando desiste de visitar Mamarrosa para voltar para o seu quarto de hotel, com a desculpa de se encontrar com uma dor de cabeça (Ali, 2007: 103). De resto, nem mesmo quando passeia em Mamarrosa, é capaz conceber uma imagem espontânea de Portugal. Em vez de tirar as suas próprias conclusões sobre o país, mostra-se muito mais interessado nas informações que Chrissie e China, um outro casal inglês a viver em Mamarrosa, lhe fornecem sobre a região (idem: 107).

Em contrapartida, a sua esposa Eileen revela-se muito mais ativa na descoberta do Alentejo. Ainda assim, a sua chegada a Portugal não esconde um certo

afastamento depreciativo da cultura alentejana, na medida em que a sua percepção do lugar está moldada por idealizações turísticas e preconceitos do outro exótico (Rodríguez, 2017: 82). O seu olhar dedica-se à contemplação da paisagem apenas para denunciar a estranheza sentida em solo português. Incapaz de aceitar por completo a beleza da região alentejana, Eileen compara constantemente o Norte e o Sul da Europa: “Também gosto das calçadas. Pedras toscas, pretas e brancas dispostas em círculos, quadrados e zigzagues. No entanto, são muito inseguras. Em Inglaterra, acho que haveria processos judiciais” (Ali, 2007: 100).

A dificuldade de adaptação do casal Mowatt ao Alentejo expõe as debilidades comunicativas entre os dois. Enquanto o senhor Mowatt evita a todo o custo falar sobre a homossexualidade do seu filho, Eileen passa a maior parte do tempo a recordar alguns episódios do seu quotidiano em Inglaterra e a divagar sobre as mudanças trazidas pela menopausa. Nenhum deles é capaz de esquecer os seus problemas pessoais, apesar de ter sido esse o propósito da sua viagem. O Alentejo rural que idealizaram transforma-se rapidamente numa desilusão. E tal não é por acaso, pois é a experiência gorada nos territórios do Sul da Europa, apelativos turisticamente por causa do seu clima soalheiro, que está na origem de escrita de Alentejo Blue (2007). Monica Ali conta em entrevista ao Jornal Expresso ter sido essa uma das ideias que a inspiraram a escrever a sua obra:

De certa maneira [Alentejo Blue] também surgiu da ideia da quantidade de britânicos que têm fantasias em viver no Sul da Europa. Há muitos programas de televisão sobre o assunto, e romances. Mas recentemente comecei a ler sobre pessoas que estão a regressar desiludidas do Sul de França e de Itália. As pessoas pensam que fazem as malas e vão-se embora e a vida melhora, mas de facto, quando partem, levam os problemas consigo. (Ali, apud Ceia: 2007: 206-207).

Neste sentido, ao partirem de férias para Portugal com a intenção de fugirem aos seus problemas em Inglaterra, os noivos Sophie e Huw acabam por funcionar como versão mais nova do casal Mowatt. Incapazes de esquecerem os conflitos gerados com a preparação do seu casamento, o mal-estar sentido entre os dois aumenta à medida em que as suas viagens pela região alentejana vão acontecendo. Numa delas, Sophie e Huw encontram um casal português envelhecido de agricultores. Huw tenta identificar-se com eles, contudo, o seu olhar carregado de arrogância e de um sentimento de superioridade cultural identificável na maneira como usa o adjetivo pitoresco para designar os agricultores (Rodríguez, 2017: 83) acaba por impedi-lo.

Num outro momento plano narrativo, Henri Stanton, escritor inglês a viver em Mamarrosa, embora surja como uma figura intelectualizada, partilha com os turistas

uma visão negativa da cultura portuguesa. Antes de se mudar para o Sul da Europa já considerava as mulheres portuguesas feias (Ali, 2007: 39). Preso a estereótipos, Stanton não consegue conviver com os habitantes da aldeia, situação que o leva, inicialmente, a aproximar-se de um outro estrangeiro a trabalhar em Mamarrosa: Dieter. De nacionalidade alemã, Dieter é uma personagem secundária de presença esporádica, que aparece, sobretudo, para depreciar os portugueses, reforçando o mesmo sentimento de superioridade cultural demonstrada pelos ingleses (idem: 34). Ironicamente, nem Stanton, nem Dieter pretendem regressar às suas terras de origem. Dieter repudia a ideia, preferindo ir para a Índia como se vivesse mundo numa busca perpétua do seu lugar no mundo (Marino, 2008: 55).

Em vez de estabelecer o laço poético entre si e a aldeia que romantizou como lugar de inspiração artística para escrever o seu livro (Rodriguez, 2017: 84), Stanton cai numa crise de inspiração, isolando-se de todas as pessoas à sua volta. Paralelamente, o seu vício pelo álcool cresce, deixando entrever uma atmosfera nostálgica que assombra o final do segundo capítulo. Mais tarde, com Sophie é repetida a mesma ligação entre álcool e nostalgia: “O whisky, ela sabia qual era o cheiro. Não era uma emoção pura, não era real. Havia nele algo de sintético. Sentimentalismo. Sim. Algo de velho, algo de novo, algo de emprestado, algo de melancólico” (Ali, 2007: 213). Deste modo, a nostalgia presente em *Alentejo Blue* (2007) acaba por corresponder aos sintomas de melancolia pós-colonial assinalados por Paul Gilroy (Domingues, 2020: para. 5). Em *Post-Colonial Melancholia* (2005) Paul Gilroy defende que a melancolia pós-colonial, também designada de melancolia pós-colonial, surgiu entre os ingleses devido à incapacidade da Inglaterra fazer o luto do fim do seu prestígio imperial. Assim que começaram a surgir sentimentos de vergonha em relação à história do império inglês, esta foi imediatamente negada e esquecida, o que permitiu alimentar hostilidades contra as pessoas vindas das antigas colónias, rapidamente identificadas no papel de intrusos sem legitimidade histórica, política ou cultural para terem a sua presença reconhecida em Inglaterra (Gilroy, 2005: 90).

No caso dos visitantes estrangeiros de Mamarrosa, a melancolia pós-colonial não só explica a sua falta de empatia e de interesse para com os habitantes locais do Alentejo, como também favorece a ideia de supremacia civilizacional britânica defendida pelas personagens. No entanto, este sentimento melancólico não é exclusivo das personagens inglesas. Aliás, embora se concentre no caso especificamente inglês, Paul Gilroy não deixa de referir que os sintomas de nostalgia pós-colonial estão igualmente presentes em outros países. Isto significa que Portugal, dado o seu passado colonial, pode manifestar sintomas semelhantes. A história de vida de Vasco, antigo emigrante português e dono do café tradicional de Mamarrosa, parece confirmá-lo.

Com efeito, antes de Vasco ter emigrado para os EUA, as gerações mais antigas já haviam iniciado a tradição migratória da sua família. O seu tio Humberto foi para “uma nova vida em Moçambique, de metal e miscigenação”, e Henrique foi “lutar contra os selvagens de Angola e salvá-los de si mesmo e do comunismo internacional” (Ali, 2007: 70). Cada uma destas viagens permite retirar conclusões diferentes. A de Humberto favorece a constatação da inversão das rotas migratórias na contemporaneidade, no sentido em que a Europa se tornou o território de procura económica e de hibridização cultural que anteriormente pertenceu às terras colonizadas. Já a de Henrique torna evidente uma visão colonialista, apoiada na ideia de destino português no processo de civilização dos povos que considerava incivilizados, um pouco à semelhança do que aconteceu com os ingleses. A Inglaterra também acreditava que tinha a missão histórica de civilizar e de elevar o mundo - crença que não lhe trouxe conforto, nem felicidade com o fim do seu império (Gilroy, 2005: 91). Com Vasco constata-se o mesmo: a imagem nostálgica do império português que ele recorda (Ali, 2007:38) não lhe providencia alegria nenhuma, pois, a verdade é se sente vazio, utilizando a comida para esconder toda a sua tristeza (idem: 121). Consequentemente, sabendo que Portugal já não é o império poderoso do passado, Vasco procura sentir-se glorioso através da sua admiração pelos EUA. Para além de seguir atentamente os avanços norte-americanos no Iraque, Vasco não se cansa de repetir episódios relacionados com a sua experiência profissional enquanto emigrante. No fundo, só é capaz de se sentir um homem importante, com grandes conhecimentos para os negócios, porque associa constantemente a sua figura aos EUA. A sua atenção para com os EUA é em tudo comparável à mesma reação nostálgica pós-colonial inglesa: politicamente, os governantes britânicos procuraram recuperar a grandeza do seu país, aliando-se aos EUA (Gilroy, 2005: 95).

De um modo geral, as personagens de Alentejo Blue (2007) partilham um profundo sentido de frustração que favorece a desconstrução do imaginário da supremacia cultural europeia. A grandiosidade na qual, quer os turistas, quer os habitantes de Mamarrosa, se apoiam para perpetuar o protótipo de povo civilizado motiva a ironia, especialmente, a partir do instante em que são apresentadas personagens antípodas a esse modelo. Stanton e os membros da família Potts são os dois exemplos mais notórios. Stanton não passa de uma versão satírica do mito do escritor exilado (Nyman, 2017: 207), incapaz de escrever. A sua degradação moral causada pelas suas experiências sexuais malogradas com Chrissie Potts e a filha adolescente desta, Ruby, combina com o seu desalinho físico gerado pelo seu vício alcoólico. As expectativas geradas com a sua partida para Praga, onde pensa encontrar a inspiração que não sentiu no Alentejo entre escritores e intelectuais em cafés, não o ajudarão a melhorar a sua vida. O comportamento que manteve em Portugal

acabará, eventualmente, por repetir-se, impedindo-o de estabelecer laços sociais realmente satisfatórios (Rodríguez, 2017: 87). Quanto aos Potts, uma família em tudo disfuncional, as suas aparências desleixadas condizem perfeitamente com as suas personalidades caóticas. Por conseguinte, não se pode sequer considerar que China, companheiro de Chrissie e pai de Ruby e Jay, possua quaisquer sentimentos de supremacia cultural inglesa quando revela ao casala Mowatt que o Alentejo, para além de ser uma das regiões mais pobres da União Europeia, é a região com mais alta taxa de suicídios da Europa (Ali, 2007: 107). Ele, um suposto antigo traficante de droga, sabe melhor do que ninguém que o Alentejo não é um lugar de idealização turística: a cor brilhante do céu no Alentejo está revestida por um azul doentio que “estranhamente, ilumina uma civilização sem rumo” (Ceia, 2007: 2011).

Vivendo à deriva, os Potts sentem-se perdidos no mundo. Fugiram do seu país natal e chegaram a Mamarrosa sem, todavia, conseguirem entrar verdadeiramente nela. Não se sentem integrados na comunidade portuguesa, nem são capazes de plantar aí as suas raízes. Até a casa que começaram a construir é sinal dessa incapacidade, porque não ficou terminada, necessitando de uma cobertura de plástico para servir de telhado (Ali, 2007: 54). Mais do que migrantes, os Potts são exilados tal como Alexis Nouss concebe em *Pensar o Exílio e a Migração Hoje*:

o exilado perdeu o seu lugar (no mundo) e não sabe se - e quando vai encontrar um outro. Mas foi também o mundo que perdeu o seu lugar aos olhos do exilado; o seu 'eu' está deslocado, porque as suas fundações já foram abaladas, o que não significa apenas uma ideia de enraizamento, mas um aviltamento próprio da ideia de enraizamento. Já não há roots [raízes] mas routes [caminhos]. (2016: 63).

Jay, o filho mais novo do casal Potts, um dia pergunta se é português e as opiniões dividem-se: Chrissie, com algumas incertezas, acha que sim; China discorda (Ali, 2007: 92). Claro que Jay permanece na dúvida. China não lhe chega a dizer aquilo que ele é - alguém dividido entre dois países, cuja identidade não pode ser fixada num território, sendo, por isso, fluída. Jay e a sua família não podem viver de outra forma, uma vez que no lugar de um bilhete de identidade, os exilados possuem um mapa do seu percurso identitário que precisa de ser reconhecido tanto por eles próprios, quanto pelos outros (Nouss, 2016: 39). O problema é que nem Jay, nem nenhum dos Potts, é capaz de se reconhecer plenamente nesse mapa identitário. As circunstâncias da sua partida de Inglaterra não são devidamente esclarecidas por nenhum deles. Chrissie e China não se mostram inclinados a falar no assunto, optando por viver alheados uns dos outros.

Embora Jay não possa agarrar-se a muitas memórias do seu país natal porque saiu dele antes dos seis anos, pode desejar sentir-se acolhido e com isso encontrar o seu lugar no mundo. E, em certa medida, tenta fazê-lo. No episódio em que conversa com o treinador da equipa de futebol da aldeia, mostra-se quase disposto a pedir para fazer parte da equipa (Ali, 2007: 86). Porém, acaba por não o fazer, calando-se, como se não fosse capaz de articular as palavras certas. Nem o português, nem o inglês o ajudam em termos relacionais. As verdadeiras palavras para comunicar com os outros em seu redor, sejam portugueses ou ingleses, não as conhece, nunca ninguém lhas ensinou. De resto, é impossível sentir-se próximo da sua própria família: China passa a maior parte do tempo a beber e a drogar-se; Ruby vive alienada, dependendo de relações sexuais promíscuas para simular o único contacto com o mundo exterior (Marino, 2008: 56); e a mãe ignora-o várias vezes como se fosse uma criatura invisível.

Curiosamente, Chrissie vive dominada por um sentimento de insegurança em relação à sua existência física. A sua inquietação é resultado da própria condição de exílio em Portugal. Sem o apoio da comunidade local de Mamarrosa, Chrissie acaba por ser abandonada por quase toda a gente depois de ajudar a sua filha Ruby a abortar: primeiro é expulsa de casa, depois é denunciada à polícia portuguesa. Ao ser acusada do crime de aborto, Chrissie sente reforçado o seu papel de desviante - já não é só estrangeira, é igualmente criminosa. Não obstante, é o rótulo de estrangeira que mais a constrange. No momento em que necessita da tradução do filho para ser interrogada pelos polícias portugueses, compreende que é “o raio da estrangeira” (Ali, 2007: 18). Graças a essa compreensão, demonstra ser a personagem mais consciente da sua condição de exiliência - ela sabe que a sua vida implica um esforço de resistência constante. Não só tem de aguentar os comentários dos habitantes da aldeia sobre as desgraças da sua família, como também tem de enfrentar o seu constante fracasso do seu papel de mãe. Para suportar todos estes problemas, Chrissie prefere fechar-se em si mesma, perdendo a capacidade de comunicar com o mundo exterior. Interiormente, é o ressentimento de não ter sido acolhida pela aldeia que mais a incomoda:

Só há uma coisa que me enerva. No primeiro ano em que aqui estivemos, fiz uma festa de anos para o Jay. Ele fez seis anos. Fiz todos aqueles convites e coleí neles estrelas prateadas e desenhei as cabeças de palhaços e balões e dei-os a todas as mães dos miúdos da turma dele. [...] o Jay e até a Ruby estavam tão excitados que não paravam de correr [...]. Ninguém veio. Nem viva! (idem: 187).

O insucesso da festa de aniversário de Jay enfatiza das diferenças culturais e a incompreensão cultural que separam o Norte e o Sul da Europa. Para Michelle,

uma inglesa que viveu em Mamarrosa numa caravana perto da casa dos Potts, a explicação para a falta de adesão da comunidade portuguesa à festa de anos de Jay deve-se à diferença entre as tradições comemorativas portuguesas e inglesas. Na sua perspetiva, os portugueses têm o hábito, ao contrário dos ingleses, de celebrar os aniversários de um modo mais religioso e intimista, contando apenas com a presença da família (idem: 188). No entanto, esta explicação é insuficiente para percebermos realmente a razão para o afastamento entre as personagens das duas culturas, porque não dá conta das fissuras afetivas do coletivo de Mamarrosa.

O distanciamento sentido entre Teresa e o seu namorado António, dois jovens habitantes de Mamarrosa, provam que os portugueses sofrem dos mesmos problemas comunicativos que as personagens inglesas. Na base do namoro de Teresa com António encontra-se mais uma idealização de romance do que um sentimento de compreensão mútua. Ao mesmo tempo, Teresa sente que não pode conversar com a sua própria mãe por esta viver concentrada nas histórias das telenovelas brasileiras. Face a tudo isto, a possibilidade de saída de Mamarrosa, proporcionada por um au pair a Londres, parece ser para Teresa a única possibilidade de mudança positiva na sua vida. No entanto, essa esperança depressa se desmorona em múltiplas dúvidas e inseguranças: “Quem seria ela em Londres e quem estaria lá para a ver?” (idem: 171). Desta forma, Teresa começa a sentir os primeiros sintomas da sua experiência de exílio. Esta, longe de se cingir ao momento em que um exilado parte, tem início assim que os indivíduos começam a admitir a sua possibilidade de partida (Nouss, 2016: 129). No caso de Teresa, as suas hesitações são já um passo consciente da incerteza do seu futuro enquanto exilada portuguesa em Londres.

Por outro lado, a experiência de exílio de Rui, antigo emigrante português em França, traz consigo uma história de luta política. De maneira a tornar Portugal reflexo da imagem liberal e democrática de outros países europeus, Rui lutou durante a sua juventude contra o regime salazarista. Enquanto esteve emigrado conheceu os ideais da Revolução Francesa- ideais que moldaram os princípios liberais e constitucionais da maior parte da Europa. Neste aspeto, a partilha ideológica expressa na história de vida de Rui sublinha a positividade das relações interculturais entre povos europeus. De resto, esta ideia de proximidade cultural volta a ser sugerida através da continuidade dos fluxos migratórios nas gerações posteriores: após o regresso de Rui a Mamarrosa, um dos seus filhos emigrou primeiro para Londres e depois para Glasgow (Ali, 2017: 13). Com esta transição de Londres para Glasgow, fica provado que as tendências migratórias estão espalhadas um pouco por toda a Europa e não apenas circunscritas a uma zona em particular (Nyman, 2017: 201 e 202). Os fluxos migratórios estão tão intrincados no Norte quanto no Sul da Europa.

Durante a sua juventude, Rui acusou Salazar de ter a língua preta por dizer mentiras. A metáfora estende-se também ao próprio Rui, pois quando este se suicida a sua língua fica da mesma cor (Ali, 2007: 23). Isto significa que Rui viveu em contradição consigo mesmo: lutou em prol da verdade e da liberdade, mas viveu toda a sua vida a esconder a sua homossexualidade, contrariando os valores que defendeu para o seu país. Não poderá, portanto, a contradição de Rui refletir a própria Europa contemporânea? Sendo o ponto de chegada de inúmeros migrantes atraídos pela sua imagem de prosperidade e paz social (Schulze - Engler, 2016: 674), não estará a Europa a virar costas aos seus princípios liberais ao se demonstrar hostil à chegada de novos exilados de diferentes continentes?

Até aqui nenhuma personagem apresentou indícios de uma experiência positiva de viagem. Provavelmente, Marco Afonso, cujo regresso a Mamarrosa é aguardado com grande expectativa pela comunidade desde o primeiro capítulo, é o único que revela uma experiência mais positiva. Contrariamente às outras personagens, o leitor não é confrontado com as suas divagações mentais, não tendo de todo acesso a nenhum dos seus pensamentos. A sua capacidade de viver plenamente o presente impendem-no de perder tempo com o passado. Reconhecendo esta qualidade como sendo a sua maior riqueza (Ali, 2007: 258), Marco desilude os habitantes da sua terra natal que o esperavam ver regressar com dinheiro suficiente para construir hotéis e criar empregos em Mamarrosa. Por isso, ao depararem-se com uma figura totalmente oposta às suas expectativas, os habitantes acabam por excluí-lo da comunidade, desejando a sua partida imediata da aldeia.

Não obstante, mesmo sem a intervenção de Marco Afonso, Mamarrosa é já um lugar transformado e em transformação há muito tempo. A sua paisagem encontra-se impregnada de árvores exóticas - eucaliptos que quase passam por nativos; o plástico já substituiu as rolhas de cortiça para espanto do velho amigo de Rui (idem: 22); a internet já chega à aldeia através do Cybercafe; os turistas abundam; e o movimento das pessoas cresce graças às novas infraestruturas de circulação construídas com os fundos monetários da União Europeia (idem: 231). As consequências da globalização são efetivamente patentes em Mamarrosa, o que significa que esta aldeia portuguesa não é realmente uma periferia (só o é na perspetiva dos turistas britânicos). Na verdade, Mamarrosa é uma região “translocal”, onde as forças da globalização se cruzam com as características locais da região alentejana (Nyman, 2017: 195).

Mamarrosa é ainda um não-lugar. Por não-lugar inclui-se aqui a perspetiva dos Potts na sua incapacidade de integração em Mamarrosa. Ou seja, o facto de serem estrangeiros impede-os, inicialmente, de ocuparem uma posição específica dentro das relações sociais da comunidade. Enquanto exilados, essa falta de integração no

seio comunitário permite-os considerar a terra onde se encontram em exílio como um não-lugar (Nouss, 2016: 105). Muito embora a posição de desintegração dos Potts pareça mudar no final de *Alentejo Blue* (2007), quando é referido que China arranhou emprego e Chrissie se tornou ajudante na Casa do Povo (Ali, 2007: 244), a verdade é que muito dificilmente o leitor acreditará na repentina integração dos Potts em Mamarrosa. Além disso, esta aparente mudança radical não poderá, certamente, prevalecer enquanto a debilidade entre as relações dos próprios habitantes locais vigorar.

De igual modo, o conceito de não-lugar serve para ilustrar a incapacidade de Mamarrosa fixar personagens: Stanton deseja ir para Praga; os turistas regressarão desencantados a Inglaterra; Teresa pretende fazer o *au pair* em Londres; Vasco continuará com os seus pensamentos perdidos nos EUA; e até outras personagens secundárias como dona Linda, em vez de viverem plenamente na aldeia, preferem estar virtualmente no Canadá a olhar para um banco vazio através de um computador (idem: 234). Só os Potts é que não ambicionam sair porque não lhes resta mais nada em lado nenhum. Mamarrosa é, conseqüentemente, mais um espaço de passagem do que de residência comunitária. Claro que ainda não integra em si o sentido pleno do termo “não-lugar” que Marc Augé utiliza na sua obra *Não Lugares* para caracterizar as autoestradas ou os supermercados como áreas de trânsito acelerado, determinado por algumas instruções de circulação e pelo anonimato dos transeuntes (2016: 83). Todavia, a aldeia está muito próxima disso. No fim de contas, a vontade dos habitantes de Mamarrosa passa, precisamente, pela multiplicação de hotéis, áreas de transição rápida que Augé caracteriza como não-lugares por não promoverem o desenvolvimento de laços sociais e por favorecerem o anonimato e a prestação de serviços a troco de um pagamento monetário. Neste sentido, as transformações da sobremodernidade - conceito que Augé define pelo excesso de acontecimentos, pela superabundância de espacial e pela individualização de referências (idem: 40) - parecem estar a contribuir para a ameaça do aniquilamento identitário, histórico e relacional da pequena aldeia alentejana do romance de Monica Ali.

Por tudo isto, concluímos que o a representação da Europa do Sul, através do Alentejo, não parte de visão idealizada, nem de uma perspetiva preconceituosa de Portugal. Pelo contrário, o que a escritora inglesa Monica Ali faz é, precisamente, sugerir novas formas de imperialismo, ao refletir nos comportamentos das personagens alguns dos estigmas que pautaram as passadas relações entre colonizadores e colonizados. Para a maioria das personagens do Norte da Europa, Mamarrosa é uma pequena terra que apela a um sentido de descoberta repleto de ideias pré-concebidas. Já para algumas personagens locais, representa a memória nostálgica de um passado de glória imperial. Em consequência, o contacto intercultural não

traduz uma experiência positiva de proximidade e partilha. Apesar de serem todas europeias, as personagens não possuem nenhum sentido de identidade comum. Sentimentos de frustração e de desenraizamento são os únicos elos existentes entre as diferentes culturas. No fundo, todas as personagens vivem deslocadas da Europa por não serem capazes de encontrar um espaço físico que lhes permita estabelecer laços comunitários entre si.

Bibliografia

- Ali, M. 2007. *Alentejo Blue*. Tradução de Manuel Valle Cintra Porto: Asa Editores.
- Almeida, J. D. 2020. «Monica Ali» in Ulissei@s: Enciclopédia Digital. ISBN 978-989-99375-2-9. [consultado em 15/05/2015]
- Augé, M. 2016. *Não Lugares. Introdução a Uma Antropologia da Sobremodernidade*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Letra Livre.
- Ceia, C. 2007. «Deslocações Exóticas do Alentejo: Alentejo Blue de Monica Ali». *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n° 16, p. 201-212.
- D’hoker, E. 2018. «A Continuum of Fragmentation: Distinguishing the Short Story Cycle from the Composite Novel» in Gill, P., Kläger, F., *Constructing Coherence In The British Short Story Cycle*. New York: Routledge, p. 17-31.
- Gilroy, P. 2005. *Post-colonial Melancholia*. New York, Chichester, West Sussex e Columbia: University Press.
- Marino, E. 2008. «From Brick Lane to Alentejo Blue: Cross-Cultural Encounters in Monica Ali’s Writings». *British and American Studies*, n° 13, p. 51-58.
- Nyman, J. 2015. «British imaginings of a European periphery: Roger Scruton, Michael Palin and Michael Booth in/on Finland». *Journal of Postcolonial Writing*, vol. 51, p. 144-157.
- Nyman, J. 2017. «Globalizing European Peripheries: The Transnational and the Translocal in Monica Ali’s Alentejo Blue». *Displacement, Memory, and Travel in Contemporary Migrant Writing*, vol. 83, p 193-209.
- Nouss, A. 2016. *Pensar o exílio e a Migração Hoje*. Porto: Edições Afrontamento. Tradução de Ana Paula Coutinho.
- Rodriguez, L. M. L. 2017. «Tourism and Identity Conflicts in Monica Ali’s Alentejo Blue». *Miscelânea*, vol. 56, p. 73-90.
- Schulze - Engler, F. 2016. «Irritating Europe» in Graham Huggan (ed) *The Handbook of Post-Colonial Studies*, London: Oxford University press, p. 669-691.

Notes

1. “Composited Novel” (D’hoker, 2018: 28). Esta designação é aqui utilizada para sublinhar que *Alentejo Blue* (2007) não segue a estrutura tradicional de romance ao apresentar um conjunto de histórias fragmentadas e não lineares que misturam a voz de vários narradores participantes e não participantes.
2. O conceito identitário inglês de que aqui se fala é referido como “Englishness” (Nyman, 2015: 145).